

ARTIGO DE INVESTIGAÇÃO HISTÓRICA

Livros Portugueses dos Séculos XVI, XVII e XVIII, com Referência a Enfermeiros e Enfermeiras

Portuguese Books from the 16th, 17th, and 18th Centuries, with Reference to Male and Female Nurses

Libros Portugueses de los Siglos XVI, XVII y XVIII, con Referencia a Enfermeros y Enfermeras

Paulo Joaquim Pina Queirós ¹

 <https://orcid.org/0000-0003-1817-612X>

¹ Escola Superior de Enfermagem da Universidade de Coimbra, Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA: E), Coimbra, Portugal

Resumo

Enquadramento: O desenvolvimento da enfermagem portuguesa faz-se em três períodos: diferenciação; profissionalização e consolidação de saberes. Os livros com regras e constituições monásticas e os manuais são parte constituinte desse processo.

Objetivo: Identificar publicações, em português, de regras e costumeiros monásticos, e de manuais para enfermeiros do início da idade moderna. Descrever e situar o material encontrado no movimento de profissionalização da enfermagem portuguesa.

Metodologia: Pesquisa em repositórios e arquivos digitais de livros editados em Portugal, nos séculos XVI, XVII e XVIII, relevantes para a História da Enfermagem. Análise crítica destas fontes, seu enquadramento, e construção interpretativa histórica.

Resultados: Encontrados cinco livros, editados em português, com Regras e Constituições Monásticas, século XVI, com referência a enfermeiros, e três manuais de instrução para os séculos XVII e XVIII.

Conclusão: O saber dos enfermeiros vai-se sistematizando e expressando-se de forma escrita, em livros. Saberes em formação e desenvolvimento, enquadrados num período longo de diferenciação da enfermagem portuguesa.

Palavras-chave: enfermagem; história da enfermagem; manuais como assunto; instrução para enfermeiros; livros raros

Abstract

Background: The development of Portuguese nursing unfolded across three periods: differentiation, professionalization, and the consolidation of knowledge. Books containing monastic rules and constitutions, as well as manuals for nurses, constitute an integral part of this process.

Objective: To identify publications in Portuguese consisting of monastic rules and customs, as well as manuals for nurses, from the early modern period, and to describe and situate the material identified within the professionalization movement of Portuguese nursing.

Methodology: Research was conducted in repositories and digital archives to identify books published in Portugal between the 16th and 18th centuries that are relevant to the history of nursing. The sources were subjected to critical analysis, contextual framing, and historical interpretative construction.

Results: Five books published in Portuguese during the 16th century containing monastic rules and constitutions with references to nurses were identified, along with three instructional manuals from the 17th and 18th centuries.

Conclusion: Nursing knowledge was progressively systematized and expressed in written form through books. This emerging and developing body of knowledge is situated within a long process of differentiation in the history of Portuguese nursing.

Keywords: nursing; history of nursing; manuals as topic; nurse instruction; rare books

Resumen

Marco contextual: El desarrollo de la enfermería portuguesa se divide en tres períodos: diferenciación, profesionalización y consolidación de conocimientos. Los libros con reglas y constituciones monásticas y los manuales forman parte integrante de este proceso.

Objetivo: Identificar publicaciones, en portugués, sobre normas y costumbres monásticas, y manuales para enfermeros de principios de la Edad Moderna. Describir y situar el material encontrado en el movimiento de profesionalización de la enfermería portuguesa.

Metodología: Investigación en repositórios y archivos digitales de libros editados en Portugal en los siglos XVI, XVII y XVIII, relevantes para la historia de la enfermería. Análisis crítico de estas fuentes, su contexto y construcción interpretativa histórica.

Resultados: Se encontraron cinco libros, editados en portugués, con reglas y constituciones monásticas, del siglo XVI, con referencia a enfermeros, y tres manuales de instrucción para los siglos XVII y XVIII.

Conclusión: Los conocimientos de los enfermeros se sistematizan y se expresan por escrito en libros. Conocimientos en formación y desarrollo, enmarcados en un largo período de diferenciación de la enfermería portuguesa.

Palabras clave: enfermería; historia de la enfermería; manuales como asunto; instrucción para enfermeras; libros raros

Autor de correspondência

Paulo Joaquim Pina Queirós

E-mail: pauloqueiros@esenfc.pt

Recebido: 24.04.25

Aceite: 31.10.25



Escola Superior de
Enfermagem de Coimbra

fct

Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Como citar este artigo: Queirós, J., P. (2025). Livros Portugueses dos Séculos XVI, XVII e XVIII, com Referência a Enfermeiros e Enfermeiras. Revista de Enfermagem Referência, 6(4), e41442. <https://doi.org/10.12707/RVI25.44.41442>



Introdução

A história da enfermagem em Portugal faz-se de múltiplas fontes. Nada é estranho, nada pode ser estranho para a aproximação à veracidade do acontecido com interesse relevante para a interpretação do provir histórico. Como refere Coelho (2021), “o historiador descreve, não ressuscita o que foi . . . Produz discursos com os quais pretende captar na ordem do intelecto o ser dos acontecimentos” (p.14).

A compreensão do que hoje é a enfermagem, informa-se no esclarecimento do seu desenvolvimento ao longo de séculos. As fontes documentais expressas em livros coevos, são uma parte do todo complexo de diferenciação, profissionalização e consolidação de saberes e modos de fazer enfermagem.

A enfermagem em Portugal, - cada país no seu contexto -, resulta de um processo temporal longo, de desenvolvimento diacrónico e sincrónico, que tornou possível avanços e recuos profissionais e de estruturação de saberes. Podemos identificar três grandes períodos, como sejam: diferenciação; profissionalização; e consolidação de saberes. Do início da nacionalidade séculos XII, aos finais do século XIX, um período de diferenciação. Dos finais do século XIX aos finais do século XX, um período de profissionalização. Um terceiro período dos finais do século XX, aos dias de hoje, de consolidação de saberes. Estes três períodos têm, de forma não estanque, marcos balizadores: das primeiras referências nomes concretos de enfermeiros e enfermeiras pelos séculos XII e XIII, até ao aparecimento da palavra que designa o coletivo da atividade - “enfermagem” em 1896, e da primeira escola formal de ensino em 1881, nos Hospitais da Universidade de Coimbra; dos finais do século XIX, ao final do século XX, com a Regulamentação de Enfermagem (REPE), no ano 1996, e do órgão regulador (Ordem dos Enfermeiros), no ano 1998; desde então aos dias de hoje, com plena integração no ensino superior, afirmação teórica epistemológica, e unidades de investigação da ciência de enfermagem.

Inspira-nos, saber que a diferenciação, a normalização e a profissionalização, são processos pelos quais uma ocupação pode projetar-se no tempo (Fassin, 1996). Mas também a consideração de Freidson (1984), ao apresentar “o credencialismo, a *expertise* e a autonomia, como base para uma ocupação ser reconhecida como profissão” (Bellaguarda & Queirós, 2023, p. 2).

Para o período da “diferenciação” importa conhecer o processo de diferenciação de funções dentro dos mosteiros; as primeiras notícias de enfermeiros e enfermeiras; as enfermarias e hospitais medievais não monacais; as remunerações auferidas; os livros sobre enfermeiros, enfermeiras e enfermarias; as aprendizagens em contextos de trabalho; o aumento do controlo e o estreitar das normas disciplinares; o fim de profissões/ocupações medievais; o aumento da presença de enfermeiros; o avanço das ciências nos séculos XVIII e XIX e o controlo da medicina; e olhar para o caso particular das parteiras.

Nesta investigação consideramos “. . . três momentos da elaboração do discurso histórico, que são, primeiro, o exame do passado através das suas marcas, depois a representação mental que desse exame resulta e por fim

a produção de um texto escrito ou oral” (Mattoso, 1997, p. 16). Sendo que, o esquema metodológico, “não é apenas de natureza científico, ou seja, lógico, racional e discursivo. Tem de se inspirar também nos processos da imaginação e da perspicácia” (Mattoso, 1997, p. 25). A identificação de livros e manuais pode dar contributos essenciais para perceber o lento estruturar da atividade e da reunião de saberes, que a determinado momento têm de se disciplinar, tornando-se literalmente disciplina de enfermagem.

Sem perder a noção do todo, importa conhecer, com alguma profundidade cada uma das partes. A análise de livros e manuais publicados no início da época moderna, ajudam a clarificar a questão formulada por Amezcua (2019): “Como chegaram os enfermeiros a construir os seus saberes?” (p. 59). Para este autor:

o conhecimento contido nos manuais de enfermagem da época áurea é de natureza fundamentalmente experiencial, e por tanto preocupa-se por recolher as fórmulas não escritas que são utilizadas pelo enfermeiro para praticar o melhor cuidado hospitalar. Neste sentido os manuais explicitam o conhecimento tácito que fluía nos hospitais aportando soluções práticas para as necessidades dos enfermos. (Amezcua, 2019, p. 59)

A análise das regras e constituições monásticas, permite conhecer o evoluir da organização e estruturação das práticas assistenciais, daqueles que por cuidarem de enfermos e enfermas, já se chamavam enfermeiros e enfermeiras, em espaços que vão sendo dedicados e separados, assumindo a designação de enfermarias. Um longo caminho de acumular de saberes, transmitidos oralmente, num “companheirismo corporativo”, no dizer de Carneiro (2008). Que a certa altura se vai estruturando, expressando-se de forma ténue em regras e constituições monásticas, e posteriormente originando sínteses compiladas em manuais. Os manuais do século XVII e XVIII são beneficiários de toda uma experiência prática, - epistemologia da prática -, em que conhecimentos pelo seu volume, necessidade de precisão e de transmissão segura, para além da oral, vão sendo reduzidos a sínteses escritas. Caminhamos da diferenciação à normalização, para posteriormente concretizar a profissionalização, usando aqui os conceitos operatórios de Fassin (1996). Movimento, que se concretiza por sequências diacrónicas, ou seja, ao longo do tempo, fruto de influências e a influenciar – sincronicamente, com os contextos envolventes.

O período em estudo, apresenta uma concentração de fontes (neste caso livros editados em Português), nos séculos XVI, XVII e XVIII. Importa referir que nestes séculos, a circulação de ideias, de ordens monásticas, de saberes e de livros, de pessoas, é fortemente beneficiada por um contexto ibérico. Tenha-se em conta a “união ibérica” (1580 a 1640), com os seus antecedentes e consequentes. Parece-nos essencial o conhecimento da história de enfermagem, no concreto do espaço português, e na especificidade dos primeiros documentos escritos com referência a enfermeiros e enfermeiras, para entender os constrangimentos e possibilidades de desenvolvimento da atividade e do conhecimento específico da enfermagem atual.

Temos como objetivos: identificar publicações, em português, de regras e costumeiros monásticos, e manuais para enfermeiros do início da idade moderna; descrever e situar o material encontrado no movimento de profissionalização da enfermagem portuguesa.

Questão de investigação

Qual o contributo das regras e costumeiros monásticos e dos manuais para enfermeiros no processo de profissionalização da enfermagem portuguesa? O que podemos saber de relevante para a História da Enfermagem através do estudo destes livros?

Metodologia

Identificação de livros editados em Portugal, nos séculos XVI, XVII e XVIII, com relevância para a História da

Enfermagem Portuguesa, através de pesquisa em repositórios e arquivos digitais, tais como: Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca do Fundo Antigo da Universidade de Coimbra, e os sítios na web <http://books.google.com> e <https://archive.org>. Análise crítica destas fontes e seu respetivo enquadramento. Construção interpretativa histórica, tendo por base o pressuposto da existência de um longo período de diferenciação, de profissionalização e de consolidação de saberes da enfermagem portuguesa.

Resultados e Discussão

Da pesquisa efetuada surgiram cinco documentos, editados em português, no século XVI, relativos a regras e constituições monásticas, com referência à atividade de enfermeiros e enfermeiras (Tabela 1). Surgiram ainda, nos séculos XVII e XVIII, três livros que se apresentam como manuais ou instruções para enfermeiros (Tabela 2).

Tabela 1

Algumas Regras e Constituições Monásticas, editadas em português, com referência a enfermeiros e enfermeiras, século XVI

Ano	Título / Ordem religiosa
1544	Livro das constituicoens e costumes que se guardam em os Mosteyros da Congregacam de Sancta Cruz de coimbra, dos Canónicos regulares da ordem do nosso Padre Sancto Agostinho". Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. https://am.uc.pt/item/66631
1563	"Ordinário e Cerimonial da Ordem dos Cónegos regulares da ordem do bem-aventurado nosso Padre Sancto Augustinho, & da congregacam de Sancta Cruz de Coimbra". Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. https://purl.pt/23038
1586	"Regra do Glorioso Patriarcha Sam Bento, Tirada do Latim em lingoajé Portuguesa, por indústria do muito R. P. F. Placido Villalobos Geral nesta Congregação de Portugal". Ordem de S. Bento. https://purl.pt/23116
1590	"Constituições da Ordem de Sam Bento Destes Reynos de Portugal, Recopiladas e Tiradas de muitas definições, feitas & aprovadas nos capitulos géraes depois que se começou a reformation da ordem. Vão muitas cousas de novo declaradas, & acrescentadas por mando, & autoridade do Serenissimo Senhor Cardeal Alberto Archiduque de Austria, Legado de Lqtere nestes ditos Reynos". Ordem de S. Bento. https://purl.pt/23116
1591	"Regra da bemaventurada Santa Clara, & Constituições fo mosteiro de Santa Maria de JESU, impressas por ordem & mandado da Madre Soror Maria da Encarnação, uma das fundadoras, e& segunda Abbadessa da dita casa". Ordem dos Frades Menores, da Terceira Ordem. Religiosas Clarissas de 2º regra (urbanistas). https://purl.pt/15143

Fonte: Construção própria.

Estes livros dão-nos informações de valia para a perceção da atividade assistencial, em processo de diferenciação, dos que cuidavam e/ou tinham a seu cargo enfermos e espaços dedicados como sejam as enfermarias. São textos impressos, que reportam a reunião de manuscritos anteriores, de circulação não restrita ao espaço nacional. Alguns destes escritos, impressos, em português, resultam de traduções latinas, hispânicas ou de outras proveniências. Dão-nos conta não só de realidades do momento da sua edição, mas também de linhas de continuidade anteriores. Os cinco documentos do século XVI, são uma amostra, seguramente de outros. A análise de cada um parecem-nos de interesse para o elucidar dos percursos de desenvolvimento da atividade dos monges e monjas enfermeiros na alçada de instituições monásticas e conventuais. Estes livros enquadram-se no movimento editorial nacional, com 132 publicados entre 1566-1570 e 114 entre 1571 e 1575.

(Macedo, 1979, p. 50). O "Pentateuco", foi o primeiro livro português impresso em Faro, no ano 1487, em hebraico. Um segundo livro, "O Tratado de Confissom", foi impresso em Chaves, no ano 1489, em língua portuguesa (Coelho, 2024).

Da Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, chega-nos um livro de 1544, das Constituições e Costumes do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Também de Santa Cruz e dos mesmos Cónegos temos acesso ao Ordinário e Cerimonial, com edição de 1563. No âmbito da Ordem de S. Bento, reunimos dois livros um de 1586 e outro 1590. O primeiro dá-nos nota da regra do glorioso Patriarca S. Bento, o segundo das constituições, da ordem, para o reino de Portugal. Um quinto documento, refere as constituições da ordem das monjas Clarissas, do mosteiro de Santa Maria de Jesus, com data de 1591, neste caso mosteiro feminino.

O "Livro das constituicoens e costumes que se guardam

em os Mosteyros da Congregacam de Sancta Cruz de Coimbra . . .” de 1544, refere que o ofício de enfermeiro deve ser encomendado a um irmão caridoso, paciente e diligente, o qual será junto dos enfermos solícito em três coisas:

A primeira que lhes sejam ministrados os sacramentos, em princípio da enfermidade e a confissão, e a comunhão e unção em seu tempo. A segunda, em os pôr com muita limpeza de mezinhas e do mais que cumprir, segundo ordenança do físico. A terceira, em os consolar sabedoramente e animar com boas palavras e exemplos, em serem pacientes em suas enfermidades, . . .” (Capítulo XIV sem paginação)

Acrescenta ainda que: “a este ofício . . . serão agregados os irmãos necessários, porque na enfermaria não entrarão servidores leigos” (Capítulo XIV sem paginação).

O Ordinário e Cerimonial dos Agostinhos, de 1563, informa-nos que quando houver de levar a comunhão a algum enfermo,

o enfermeiro (limpa a casa onde houver o enfermo) lhe fara a cama com roupa lavada, e lhe vestirá uma camisa, e carapuça lavada, e deitará sobre a cama um lençol limpo, e armará uma mesa nessa mesma casa à maneira de altar com toalha, pedra d’ara, imagens e cálices com candeias, e junto dela um braseiro com brasas e alguns cheiros. (Capítulo XXXVIII, folha LXXXI).

Em 1586, é editado em Lisboa, a mando do Geral da Ordem Beneditina, o livro “Regra do Glorioso Patriarcha Sam Bento, Tirada do Latim em lingoa jê Portuguesa, por indústria do muito R. P. F. Placido Villalobos Geral nesta Congregação de Portugal”, impreso por Antonio Ribeiro. Neste livro, no capítulo “Dos irmãos enfermos”, é apresentado todo o programa de assistência monacal relativo aos doentes. Estabelece-se basilarmente “sobre tudo e antes de todas as coisas há-se ter conta com os enfermos e muito particularmente cuidado deles” (verso da folha n. 27), e no seguimento determina-se que “o abade tenha muito grande cuidado que não haja negligência em cura dos enfermos, para os quais haja um aposento apartado e deputado [separado e dedicado], e tenham enfermeiramente a Deus, diligente e solícito que os sirva” (verso da folha n. 27). Acrescenta-se que nenhum enfermo se cure no dormitório de modo a não se inquietar o convento. Esclarece-se que os enfermos considerem quem por deus os serve, e o sofrimento deve ser com paciência pois “se alcança maior prêmio” (verso da folha n. 27). Determina-se que o enfermeiro dê banho aos enfermos, quando dele tiverem necessidade, e que se permita comer carne, tanto aos enfermos como aos muito fracos, para que possam convalescer. Ou seja, temos enfermeiros e normativos, enfermos e enfermarias.

Um outro livro beneditino de 1590 é mais extenso. No capítulo 42, com o título “Da cura dos enfermos e qualidade dos enfermeiros” (verso da folha nº 132), repete-se e reforça-se a ideia que os prelados tenham cuidado da cura dos doentes, e determina-se que para enfermeiro, o prelado “eleja um religioso, que seja caritativo, diligente, paciente, humilde e compassivo” (folha nº 133). Regu-

la-se a relação com o físico e dá-se conta do que haverá no espaço enfermaria.

Em cada casa mandamos pela obediência, que haja alguma maneira de botica, estilando em seu tempo águas, e tendo azeites, canafistula, e alguns enxaropes, que algum boticário poderá fazer, porque as casas que estão fora de povoado em que haja físico, e botica, tem necessidade de estarem providos de coisas semelhantes, não falte açúcar, amêndoas, passas, e todo o necessário para ajudas: e todas as casas tenham médico assalariado. Haja roupa de cama, panos de cabeça, camisas, lençóis, travesseiros, toalhas, e escapulários de dormir sem capelo, para os enfermos, porque tudo é necessário: comprem-se vidros, e louças, que somente sirvam para a enfermaria, o que se manda aos prelados sobepena de suspensão do seu cargo por três meses. (folha nº 133).

Determina-se ainda no capítulo “Do officio do celareiro, recebedor, & gastador do convento”, que:

O gastador será muito diligente, em comprar as coisas que são necessárias para os enfermos com tempo, porque em semelhantes coisas, não se sofre dilação, e por serem caras não deixe de comprar, pois nosso Padre São Bento tem tanta memoria da cura dos enfermos, que diz que sobre todas as coisas, o prelado e celeireiro tenham cuidado, que não padeçam nenhuma falta aos enfermos. (p. 159).

O livro das constituições da ordem das monjas Clarissas, do Mosteiro feminino de Santa Maria de Jesus, de 1591, é uma compilação, mandada fazer pela segunda Abadessa Maria da Encarnação, de dois documentos: A Regra de Santa Clara atribuída ao mosteiro, no ano 1590, e as Constituições e Regras ordenadas pela Madre Irmã Maria do Presépio, fundadora e primeira Abadessa, em 1583. Neste livro, encontramos vastas referências ao enquadramento e às funções da enfermeira, e considerações sobre a “conservação das forças e da saúde corporal” (p. 61), e “do cuidado da saúde corporal” (p.179). Nomeadamente: “Porque o exercício corporal ajuda muito para a saúde, devem todas ter algum, varrendo, lavando, ou fazendo outras coisas de casa, para esse efeito oportunas, nos tempos, e pelo espaço, que a Abadessa ordenar” (p. 63); e ainda: “porque a saúde, e dela bem se usar, é necessária para o serviço de Deus, e uma ajuda para o proveito espiritual” (p. 179). A Abadessa está encarregue não somente o cuidado das almas, mas também dos corpos pelo que se dê o necessário de comer a cada uma (p. 179).

No parágrafo “Das freiras enfermas”, estipula-se que “Acerca das freiras enfermas, se tenha todo o cuidado possível . . . , e que as que estão enfermas tenham, se se poder fazer, algum próprio lugar, onde estejam apartadas das sãs . . .” (p. 6).

Quanto às “Regras da Enfermeira” (p. 223-225), diz-se que tenha cuidado das enfermas, da enfermidade, das quais tanto que souber o fara saber à prelada. Esta, saiba da Abadessa, se se chamara logo o físico, e todas as vezes que o físico visitar a enferma, ela esteja presente. E que tenha o cuidado de saber, o que se há-se dar a cada enferma. Que a enfermeira também cuide para que os leitos,

e lugares, em que estiverem as enfermas, sejam muito limpos, as camas bem feitas, concertadas, e quando for necessário haja perfumes, águas cheirosas, ramos, e flores, e todo o mais para aliviar, e recriar a enferma. Procure consolar, e recriar as enfermas alegrando-as, não somente com as coisas pelo físico aprovadas, mas também palavras espirituais, e alegres. Deve ter em seu poder as mezinhas, e todas as coisas, que forem necessárias, ou proveitosas para as enfermas, que deve haver na botica de casa, e lembre-se de as guardar em lugar conveniente, e de muitas vezes as visitar como se conservem, e não se corrompam. Que nenhuma coisa que o físico ordenar deixe de fazer, nem mude. Guarde também a ordem dos tempos determinados, nos quais dará de jantar, cear, xaropes, e as mais mezinhas tomando por escrito tudo o que o físico ordenar. Que a enfermeira advirta, no dia a que a enferma começar a enfermar, e a que hora a febre começou, e se espediu, assim para que o faça saber à prelada, e ao físico. E se a enfermidade for contagiosa, deve apartar a roupa,

e todas as mais coisas do uso da enferma, para que não prejudiquem as sãs. Não deixe levantar as convalescentes, antes que o físico o permita. Assim a enfermeira, como as que a ajudam, sofram com paciência as moléstias, e dificuldades, que na cura, e cuidado das enfermas ocorrem, e soem acontecer. Cuidado, que as sobejas vigílias e imoderados trabalhos, ou contágio da enfermidade, não faça dano a sua saúde própria, ou de suas companheiras. E quando a graveza da enfermidade o pedir, faça saber à prelada, que a enferma, antes que perca o juízo receba todos os Sacramentos, e se a enferma, ainda que sem perigo muito tempo perseverar em sua enfermidade, procure que se lhe dê o santíssimo Sacramento da Eucaristia. Procure, que os corpos das que trocarem esta vida pela eterna se aparelhem para a sepultura.

No seguimento dos livros editados no século XVI, temos disponíveis três obras editadas nos séculos XVII e XVIII, que se apresentam como manuais ou instruções para enfermeiros. (Tabela 2).

Tabela 2

Manuais editadas em português, com referência a enfermeiros e enfermeiras, século XVII e XVIII

Ano	Título / Ordem religiosa
1664	“Luz da Medicina, Prática Racional, Methodica, guia de enfermeyros, directorio de principiantes e summario de remedios para poder acodir . . .”. Francisco Morato Roma. https://books.google.pt/books?id=CKHrSWAWpScC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
1741	“Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros”. Frei Diogo de Santiago. Hospitaleiros. https://dn790007.ca.archive.org/0/items/b30507340/b30507340.pdf
1747	“Instrução de enfermeiros, e consolaçam para os afligidos enfermos: e verdadeira pratica de como se devem aplicar os remedios, que os Medicos ordenaõ, muito necessária para que os enfermos sejam bem curados e proveitosa aos praticantes de Medicina”. Andrés Fernández y Hermanos de la Congregación de Bernardino de Obregón. http://purl.pt/29458

Fonte: Construção própria

A Luz da Medicina, obra de 1664, teve reedições em 1672, 1686, 1700 e 1735. No frontispício encontramos a descrição do conteúdo e do fim a que se destina:

Luz da Medicina, Pratica Racional, e Metódica, Guia de Enfermeiros. Diretório de principiantes, e sumário de remédios para poder acudir, e remediar aos achaques do corpo humano, começando do mais alto da cabeça e descendo até ao mais baixo das plantas dos pés; obra muito útil, e necessária, não só para os professores da arte medicina, e cirurgia, mas também para todo o pai de família; de que se poderá aproveitar pobres, e ricos na falta de médicos doutos. (Roma, 1664, p. 1)

Este livro organiza-se em duas partes, uma primeira com seis livros e a segunda parte – Prática Racional –, com tratados relativos à região superior, à região média e à região inferior. Acresce um tratado único destinado às doenças particulares das mulheres e um tratado das febres simples, podres, pestilentas e malignas (Subtil & Vieira, 2015). Em estudo aprofundado desta obra, Subtil e Vieira (2015), apresentam-nos o autor, Francisco Morato Roma, em consonância com a informação constante frontispício da obra. Sabemos que foi médico das Câmaras dos Reis

D. João IV e D. Afonso VI, médico da Inquisição, professor da Ordem de Cristo. Nasceu em Castelo de Vide em 1588, faleceu em 1668. Formou-se em filosofia na Universidade de Évora, e licenciou-se depois em medicina na Universidade de Coimbra.

Para Borges (2017), a “Luz da Medicina . . .”, estará entre as obras que influenciaram, entre 1738 e 1740, Frei Diogo de Santiago, na escrita da “Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros”, editada em 1741.

Sobre a “Postilla . . .”, foram publicados vários estudos, entre os quais: Amezcua (2017, 2019); Borges (2017); Ferraz et al. (2015); Ferraz (2019); Gameiro (2005); Rodrigues (2007); Mouga Poças e Gómez-Cantarino, (2024); Subtil e Vieira (2015). Em termos gerais, sabemos o autor foi religioso da Ordem de S. João de Deus, que terá organizado este livro a jeito de sebenta (Postilla) para educação dos noviços à sua responsabilidade no Convento de Elvas, onde era mestre dos Noviços. É o primeiro livro escrito em português por um enfermeiro. A obra está dividida em três tratados. Um primeiro direccionado à formação religiosa. Um segundo, onde no capítulo I enfatiza “as advertências para os enfermeiros” seguindo-se 59 capítulos orientadores do modo de apli-

car os medicamentos (Ferraz, et.al. 2015). Um terceiro livro, com sete capítulos refere-se à assistência religiosa a enfermos e moribundos.

Num contexto ibérico, esta obra não é das primeiras, pois na “formação de religiosos para a prestação de cuidados de enfermagem é mais antiga, e conhecem-se outras obras, como seja, *Instrucción de enfermos*, de Andrés Fernandez (Madrid, 1617).” (Rodrigues, 2007, pp. 101-102).

O livro “Instrucción de enfermeiros, e consolaçam para os afligidos enfermos . . .”, em português, no ano 1747, editado em Lisboa na oficina de Francisco da Silva. É uma tradução portuguesa do livro de André Fernández, editado em Madrid em 1617. Amezcua identifica sete edições em língua espanhola a primeira de 1617 e a última de 1728. De que tratam estes manuais de enfermeiros? Os estudos de García-Martínez et al. (1992), permitem dizer que vertem para sete categorias temáticas: técnicas e procedimentos terapêuticos; cuidados pelos enfermeiros em determinadas enfermidades e situações de urgência; preparação, indicação e administração de distintas formas medicamentosas; conceitos de anatomia; conselhos e orientações dietéticas; priorização nos tratamentos prescritos pelo médico; conhecimentos de terapêutica. Já Amezcua, junta mais uma categoria, procedimentos para o conforto espiritual dos enfermos (Amezcua, 2019).

Na “Instrucción de Enfermeiros . . .” faz-se menção ao Padre Bernardino Obregón, ressaltando que foi ele quem solicitou que o livro fosse escrito, para que os médicos vissem o quanto de bem eles faziam aos enfermos. Esta obra comporta duas partes, o Tratado das Orações e o Modo Como Aplicar os Remédios pelos enfermeiros com ordem dos médicos. Bernardino de Obregón, a convite do príncipe Alberto vem para Lisboa em 1592, para prestar os seus trabalhos no Hospital de Todos os Santos. Anteriormente, em 1589, com o apoio de Filipe II de Espanha, em período de União Ibérica (1580-1640), fundou a Congregação Mínima dos Servos dos Pobres, os “Irmãos Obregóns”. Terá sido no Mosteiro de Nossa Senhora da Luz e no Hospital Real de Évora, que redigiu a constituição religiosa da irmandade, assim como regras e normas práticas de assistência.

Andrés Fernández, foi enfermeiro e frade da Congregação dos Obregón, morreu em 1599. Foi duas vezes irmão maior da congregação trabalhou em hospitais de Portugal e Villaviciosa (Principado das Astúrias).

Na “Instrucción . . .”, valoriza-se o valor da experiência, diz-nos Amezcua: “O censor da edição de 1680 . . . realça o valor da experiência, pelo seu potencial para assentar um conhecimento largamente provado num exercício profissional intenso” (Amezcua, 2019, p. 62). Andrés Fernández

era pessoa experimentada e por isso gozava de reconhecimento social. Necessariamente tinha de ser uma pessoa culta e com grande capacidade intelectual, pois o exercício de síntese e de estruturação de um conhecimento que se havia transmitido por tradição oral entre enfermeiros, assim o requeria. (Amezcua, 2019, p. 63-64).

Um conjunto de livros desde as Regras e Constituições de Ordens Monásticas, a Instruções e Manuais para enfer-

meiros e enfermeiras, onde ao longo destes três séculos, verificamos um aumento das descrições, dos pormenores, o alargar das sínteses de conhecimentos reunidos e a necessidade da escrita para transmissão, formação, de iniciados na atividade. Elementos fundamentais, embora junto de outros, de outras dimensões, que marcam presença no processo de diferenciação da atividade de enfermeiros e enfermeiras, criando condições para posterior profissionalização. Livros dos séculos XVI, XVII e XVIII reveladores da presença e atividade de enfermeiros, e de sínteses escritas de conhecimentos, a disciplinarem-se.

Conclusão

As Regras e Constituições Monásticas, do século XVI, são documentos de enorme valor para o conhecimento da forma como se inicia e primariamente se desenvolve, nos contextos monásticos, (não excluindo outras linhas paralelas de desenvolvimento), dão-nos indicação dos processos iniciais de implementação da atividade e da sua diferenciação. Manuais de Instrução, dos séculos XVII e XVIII, são compilações de saberes de maior estruturação e profundidade. São editados em português, são textos originais, cópias e traduções, com interdependências claras, bem longe do conceito contemporâneo de plágio. Fez-se a formação de enfermeiros, por integração e aquisição de saberes, na ação prática, vendo, imitando, treinando, aprendendo com companheiros mais velhos, num companheirismo corporativo; a par de uma formação, com uma atenção mais dirigida, e com maior proveito da sistematização proporcionada pelos manuais e instruções.

As Regras e Constituições do século XVI e, os Manuais dos Séculos XVII e XVIII, inserem-se no longo movimento de diferenciação profissional e de estruturação de saberes de enfermagem.

Contribuição de autores

Conceptualização: Queirós, J., P.

Tratamento de dados: Queirós, J., P.

Análise formal: Queirós, J., P.

Aquisição de financiamento:

Investigação: Queirós, J., P.

Metodologia: Queirós, J., P.

Redação - rascunho original: Queirós, J., P.

Redação - análise e edição: Queirós, J., P.

Referências bibliográficas

- Amezcua, M. (2017). 400 años de conocimiento enfermero: A propósito de la publicación de la instrucción de enfermeros de los obregonos. *Index de Enfermería*, 26(1-2). https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-12962017000100002
- Amezcua, M. (2019). *Cuidados y sociedad en la España moderna. Materiales para la historia de la enfermería en los siglos XVI-XVII*. Fundación Índex.
- Bellaguarda, M. L., & Queirós, P. J. (2023). Autonomia da enfermeira-enfermeiro expressa na legislação profissional portuguesa e brasileira: Estudo documental (1986-2022). *Revista da Escola de*

- Enfermagem da USP*, 57, e20230199. <https://doi.org/10.1590/1980-220X-REEUSP-2023-0199pt>
- Borges, A. M. (2019). Normas administrativas e assistenciais para a boa gestão dos reais hospitais militares em Portugal: Postila religiosa e arte de enfermeiros. In J. E. Franco, & C. Fiolhais (Dir.), *Obras pioneiras da cultura portuguesa: Primeiros escritos de medicina, farmácia e enfermagem* (v. 22, pp. 26-41). Círculo de Leitores.
- Carneiro, M. (2008). *Ajudar a nascer: Parteiras, saberes obstétricos e modelos de formação (século XV-1974)*. Universidade do Porto.
- Coelho, A. B. (2021). *História e oficiais da história*. Editorial Caminho.
- Coelho, A. B. (2024). *Os lusiadas: Antologia temática e texto crítico*. Avante.
- Fassin, D. (1996). *L' espace politique de la santé: Essai de généalogie*. Presses Universitaires de France.
- Ferraz, I. (2019). *Enfermidades, enfermos, enfermeiros: Dos primórdios ao século XIX*.
- Ferraz, I., Baixinho, C., & Rafael, H. (2015). Primeiro livro em Portugal escrito por enfermeiro (1741): Contribuição para a formação de enfermeiros religiosos. *História da Enfermagem: Revista Eletrônica*, 6(2), 288-298. <https://doi.org/10.51234/here.2015.v.6.327>
- Freidson, E. (1984). The changing nature of professional control. *Annual Review of Sociology*, 10, 1-20. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.10.080184.000245>
- Gameiro, A. (2005). A postila religiosa e Arte de Enfermeiros um Livro Notável para a Memória da ordem Hospitaleira em Portugal no Século XVIII. *Archivo Hospitalario*, 3, 513-537. https://www.google.pt/books/edition/Archivo_Hospitalario_N%C3%BAlame-ro_3_A%C3%B1o_2005/mv2OIBQ0d9QC?hl=es&gbpv=1&dq=Archivo+Hospitalario.+A%C3%B1o+2005&pg=PA240&printsec=frontcover
- García-Martínez, A. C., García-Martínez, M. J., & Vale-Racero J. I. (1992). *Presentación y análisis de la obra "Instrucción de Enfermeros," de André Fernández, 1625. Aproximación a la Enfermería de los siglos XVI y XVII*. Madrid: Consejo General de Colegios de Diplomados en Enfermería.
- Macedo, J. B. (1979). *Os Lusiadas e a História*. Editorial Verbo.
- Mattoso, J. (1997). *A Escrita da História*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Rodrigues, M. (2007). Documento ad usum et beneficium. Postilla Religiosa, e Arte de enfermeiros. *Revista de Enfermagem Referência*, Série II, nº 4, 101-102. file:///C:/Users/Esenfc/Downloads/8_-hist%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria-4.pdf
- Roma, F. M. (1664). *Luz da Medicina, Pratica Racional, e Methodica, Guia de Enfermeiros*. Oficina de Francisco Oliveira.
- Mouga Poças, M. T., & Gómez-Cantarino, S. (2024). "Postilla religiosa e arte de enfermeiros": Vestígios do conhecimento, história da enfermagem no século XVIII em Portugal. *História da Enfermagem: Revista Eletrônica*, 15, e02. <https://doi.org/10.51234/here.2024.v15.e02>
- Rodrigues, M. A. (2007). Documento ad usum et beneficium: Postilla religiosa, e arte de enfermeiros. *Revista de Enfermagem Referência*, 2(4), 101-102.
- Subtil, C. L., & Vieira, M. (2015). Manuais para as práticas dos enfermeiros no antigo regime. *Hiades: Revista de Historia de la Enfermería*, 11, 215-228. <https://researchgate.net/publication/301694872>